

ARTE PROFANA: UMA ANÁLISE DE PERFORMANCES QUE ABORDAM GÊNERO, SEXUALIDADE E RELIGIÃO

Mariana Dias Pereira de Lima (Universidade Federal de Uberlândia – UFU)¹

RESUMO

O presente texto apresenta o andamento parcial da pesquisa de mestrado que desenvolvo no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia, sob mesmo título. A pesquisa tem como estudo de caso três performances “O Culto” (trabalho de minha autoria), “Desenhando com Terços” (Márcia X.) e “Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu” (protagonizado no Brasil pela atriz Renata Carvalho), com o objetivo de analisar como esses trabalhos utilizam objetos religiosos (sagrados) e temas bíblicos para abordar as relações gênero, sexualidade e religião, colocando em discussão como as religiões patriarcais tratam esses temas e fundamentam essas relações na sociedade. Neste artigo apresento porque escolho esse tema, as performances que estão sendo analisadas, as questões que norteiam a pesquisa, o desenvolvimento de alguns conceitos e o andamento até o momento.

PALAVRAS-CHAVE

Performance; religião; gênero; mulher.

ABSTRACT

This text presents the partial progress of the master's research that I develop in the Graduate Program in Performing Arts of the Federal University of Uberlândia, under the same title. The research has as case study three performances "O Culto" (work of my own), "Desenhando com terços" (Márcia X.) and " The gospel according to Jesus, Queen of Heaven" (starring in Brazil by actress Renata Carvalho), with the objective of analyzing how these works use religious objects (sacred) and biblical themes to address relations between gender, sexuality and religion , discussing how patriarchal religions

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia (PPGAC-UFU) sob orientação da Profª. Drª. Mara Lucia Leal. Bolsista CAPES. Artista, performer, pesquisadora e professora de dança.

address these themes and base these relationships in society. In this article I present why I choose this theme, the performances that are being analyzed, the issues that guide the research, the development of some concepts and the progress so far.

KEYWORDS

Performance; religion; gender; woman.

A pesquisa “Arte profana: uma análise de performances que abordam gênero, sexualidade e religião” surgiu a partir da minha relação com a igreja (religião), a linguagem da performance e o feminismo, que provocaram em mim a necessidade de criar uma performance autobiográfica que envolvesse esses temas e, posteriormente, quis aprofundar a pesquisa sobre outros trabalhos artísticos que também abordam esses assuntos.

As questões religiosas e de gênero sempre estiveram presentes na minha vida devido a minha criação cristã conservadora e as atitudes rígidas do meu pai comigo e com minha mãe, com os quais eu não concordava, fazendo com que eu questionasse a religião e me identificasse ainda jovem com as pautas feministas. Outra questão que me atravessou durante minha trajetória artística, foi a arte da performance; conheci a linguagem em 2006 na minha primeira graduação (não concluída) em Artes Visuais, me causando bastante estranhamento e aversão, uma vez que os trabalhos na maioria das vezes envolviam autoflagelo, nudez e escatologia, fazendo jus a análise do antropólogo David Le Breton, “as performances questionam com força a identidade sexual, os limites corporais, a resistência física, as relações homem-mulher, a sexualidade, o pudor, a dor, a morte, a relação com os objetos etc.” (BRETON, 2003, p.44), ações que me desestabilizavam completamente. Voltei a ter contato com a linguagem em 2011 na graduação em Dança, quando ainda tive um período de resistência passando a me identificar com a linguagem só no término do curso.

No final da graduação em Dança (2015) passei a me sentir muito incomodada com algumas lembranças da época da igreja; memórias de algumas passagens bíblicas que me ensinaram sobre as mulheres, que relendo me causavam grande indignação, pois são passagens sexistas, xenofóbicas, racistas, entre outras. Esse incômodo aumentou em 2016 com a articulação do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e a postura machista dos deputados durante a votação, baseando seus votos nos mandamentos

bíblicos, em nome de Deus, dos filhos e da família. Essa performance política dos deputados², foi explicitamente uma violência de gênero em relação a presidenta e um verdadeiro gatilho emocional, me fez lembrar várias situações que vivi e que presenciei na igreja e de como é agressivo esse conservadorismo cristão, como ele oprime as mulheres e as minorias em geral e como ele é usado por políticos e religiosos para justificarem preconceito, sexismo e racismo. Senti como se tivessem me feito engolir a religião a vida inteira e tive vontade de criar uma performance envolvendo essas questões, de reproduzir literalmente a ação de ler às passagens bíblicas referentes a mulher e as engolir.

Vi na arte uma possibilidade de resistência e confrontação tanto das minhas questões autobiográficas como dos acontecimentos políticos religiosos, pois como afirma Stela Fischer, as artes podem ser um meio “sobre o qual formulam-se ideologias, geram-se desconcertos, resistências e rebeldias que rompem com marcos epistemológicos dominantes e com protocolos de disciplinamento heteronormativo” (FISCHER, 2017, p.4). Em 2019, depois de um tempo pesquisando e maturando a ideia, realizei a performance “O Culto”³ que deu origem a meu projeto de mestrado. Nas investigações encontrei artistas que também utilizaram temas e/ou objetos religiosos em suas criações⁴, mas escolhi aprofundar a pesquisa nos trabalhos “Desenhando com terços” e “Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu”, que levantam as questões de gênero e religião e colocam em discussão como as religiões patriarcais tratam esses temas e fundamentam essas relações na sociedade.

A performance “O Culto” é um trabalho artístico que propõe discutir dogmas religiosos e a opressão sobre as mulheres. Nele entro vestida com roupa social masculina, como os homens de negócios e políticos se vestem para trabalhar e como os

² Marvin Carlson dedica o 2º capítulo (*Performance na Sociedade: abordagens sociológicas e psicológicas*) do seu livro para tratar de performances e comportamentos cotidianos, tendo como uma de suas referências o livro *The Theatre in Life* do autor Evreinoff, o qual afirma que nós estamos constantemente encenando partes da nossa vida quando estamos em sociedade. “Evreinoff emenda, citando a moda, a maquiagem e a vestimenta, as operações diárias da vida e os “papéis” sociais de figuras representativas como políticos, banqueiros, homens de negócio, padres e doutores. Evreinoff considera a vida de cada cidade, de cada país, de cada nação como articulada pelo diretor de palco invisível daquela cultura, ditando os cenários, o figurino e os personagens de situações públicas em todo o mundo. Cada época tem seu próprio guarda-roupa e cenário, sua própria “máscara”.” (CARLSON, 2009, p.47).

³ A performance foi desenvolvida em 2019 na graduação em Teatro (UFU) através do PIVIC (Pesquisa de Iniciação Científica Voluntária).

⁴ Márcia X, León Ferrari, Farnese de Andrade, Andres Serrano, Antonio Obá, Renata Carvalho, Maria Galindo, Jo Clifford, Chris Ofili, Renee Cox, são alguns nomes que tive contato.

pastores de igreja se vestem em dia de culto; leio 21 passagens bíblicas⁵ que estão relacionadas à mulher (como a mulher é criada, qual o papel dela na sociedade e como ela deve ser tratada segundo a bíblia) e ao término de cada leitura eu rasgo a página da passagem lida e a como; ao término da performance me dispo e saio de cena.



O Culto – Mariana Dias⁶

Em “Desenhando com Terços” (2000) Márcia X, vestida com uma camisola branca vai montando uma instalação, desenhando falos entrecruzados no chão da galeria usando os terços católicos que estavam pendurados no seu pescoço, ação que poderia durar de 3h a 6h e que permanecia como instalação depois. Nessa performance-instalação a artista cria um deslocamento de sentido do objeto católico (terço), trazendo novas possibilidades de leitura para o objeto simbólico. Em 2006 o trabalho foi interditado da exposição “Erótica – os sentidos das artes”, realizado pelo Centro Cultural do Banco do Brasil.⁷

⁵As passagens lidas na performance são: Gênesis 2:21-23; Gênesis 3:1-16; Gênesis 16:1-6; Levítico 12:2-6; Levítico 15:18-27; Levítico 21:7, 13-14; Números 5:17-22, 29-31; Deuteronômio 21:10-14; Deuteronômio 22:5, 13-30; 1 Reis 11:1-4; Esdras 10:10-11; Ester 1:9-22; Provérbios 7:6-27; Provérbios 31:10-30; 1 Coríntios 11:13-15; 1 Coríntios 14:34-35; Efésios 5:22-24; 1 Timóteo 2:11-15; Tito 2:3-5; 1 Pedro 3:1-6; Apocalipse 17:1-6.

⁶Foto: Alessandro Carvalho. Fonte: Acervo pessoal. Apresentação realizada no dia 11/12/2019, sala de Interpretação, bloco 3M UFU Campus Sta. Mônica.

⁷A performance foi retirada da exposição pelo diretor do Banco do Brasil, “após inúmeras reclamações por e-mail, telefonemas, e a apresentação de uma notícia-crime contra o centro cultural. O autor da denúncia, Carlos Dias, o ex-deputado e membro atuante da Renovação Carismática Católica, argumentou que a obra constituía uma afronta à religião católica por misturar erotismo e religião...” (OLIVEIRA, 2009, p.1).



*Desenhando com terços – Márcia X.*⁸

No monólogo “Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu” a atriz travesti Renata Carvalho, representa Jesus como uma mulher trans nos dias atuais (século XXI) e vai encenando passagens bíblicas e parábolas, adaptadas a vida e ao cotidiano LGBTQIA+. Ao analisar a obra Bruno Siqueira considera que “nelas, personagens travestis ocupam o espaço central da narrativa, demonstrando que são pessoas cujas ações podem estar em sintonia com a moral cristã.” (SIQUEIRA, 2019, p.3). A peça sofreu fortes ataques dos religiosos conservadores, desde sua estreia na Escócia⁹, quando foi interpretada pela Jo Clifford autora da peça, assim como no Brasil¹⁰ interpretada pela atriz trans Renata Carvalho, quando chegou a ser interditada diversas vezes.

⁸Fonte: <<http://marciart.br/mxObra.asp?sMenu=2&sObra=26>> Acessado em 09/07/2021 às 17:40. Fotos da performance-Instalação realizada na Casa de Petrópolis – Instituto de Cultura, julho de 2000.

⁹Em entrevista a SP Escola de Teatro, publicada em 18/05/2016 por Murilo Bomfim, Clifford diz: “Quando estreei “O Evangelho” em 2009, em Glasgow, apresentei o espetáculo em um teatro pequeno, para 36 pessoas. E fiz cinco sessões. Tudo esgotado, é claro, o espaço não era grande. Então cerca de 150 pessoas viram a peça. Mas tinham 300 pessoas fora, todas as noites, protestando. Toda noite tinha uma grande manifestação de cristãos e evangélicos. Eles, que normalmente se odeiam, se juntaram para me odiar.” Disponível em: <<https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/sp-entrevista-jo-clifford-fala-sobre-dramaturgia-e-transexualidade>> Acessado em: 14/05/2021 às 15:30.

¹⁰ Em setembro de 2017, o juiz Luiz Antonio de Campos proibiu a exibição da peça “O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu” que estrearia no SESC em Jundiaí, segundo ele “figuras religiosas e sagradas não podem ser ‘expostas ao ridículo’.” Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2017-set-16/juiz-proibe-peca-representa-jesus-mulher-transgenero>> Acessado em: 09/07/2021 às 17:57. O espetáculo sofreu interdição ainda em Salvador (BA), Rio de Janeiro (RJ) e Garanhuns (PE) (SIQUEIRA, 2019).



*Evangelho segundo Jesus, Rainha do céu – Renata Carvalho*¹¹

A partir do trabalho dessas artistas e a experiência com a criação da minha performance, algumas perguntas passaram a nortear meu interesse como pesquisadora. Como as performances citadas trabalham a relação entre gênero, sexualidade e religião e colocam em discussão os conceitos conservadores que envolvem esses temas? O que motivou as artistas a utilizarem objetos e temas religiosos em suas performances? Essas motivações são pessoais, políticas ou ambas? Qual a relação que essas artistas têm com a religião? Qual a intenção desses trabalhos? Qual o impacto e receptividade dessas obras? Qual a relação com o poder público? Esses trabalhos extrapolam o limite artístico ao envolver temáticas e objetos considerados sagrados (terços, bíblias, imagens etc.)? Existe limite entre arte e religião? O quê ou quem determina esse limite?

Se apropriar de um objeto e/ou tema religioso na construção de um trabalho artístico muitas vezes é considerado profano, ou seja, um desrespeito, uma ofensa, um insulto as coisas sagradas. Agamben afirma que o conceito de profanar é restituir ao uso das pessoas as coisas que saíram da esfera humana e foram consagradas, passaram a pertencer aos deuses (AGAMBEN, 2007). O autor desenvolve esse conceito a partir do jurista Trebácio, mas adverte que restituir o que é sagrado ao uso das pessoas não acontece de forma natural, só é possível através de uma profanação. O deslocamento de sentido e de lugar dos temas e objetos, considerados sagrados, que as performances citadas provocam se torna nessa perspectiva um tipo de profanação. O autor afirma que “profanar significa abrir a possibilidade de uma forma especial de negligência, que ignora a separação, ou melhor, faz dela um uso particular.” (AGAMBEN, 2007, p. 59).

¹¹ Foto: Luciane Pires Ferreira. Fonte: <<https://mitsp.org/2020/o-evangelho-segundo-jesus-rainha-do-ceu-com-renata-carvalho/>> Acessado em 09/07/2021 às 18:07.

Através desse conceito de Agamben, de profanação, que pretendo desenvolver a análise das performances. Embora esta etapa ainda esteja em desenvolvimento, pode-se identificar que em “O Culto” a profanação das passagens bíblicas (que fala sobre a mulher) está na ação de ler, de rasgar e comer esses textos, como uma forma de protesto ao que está escrito na bíblia. Em “Desenhando com terços”, Márcia X profana o terço católico, ao usá-lo para desenhar falos no chão, que para muitos críticos contrários a seu trabalho significou uma erotização do objeto, mas que podemos entender também como uma crítica ao patriarcado católico, ao falocentrismo religioso, que coloca deus como sendo uma referência única e exclusivamente masculina. Já em “Rainha do céu”¹² a profanação está na corporalidade da atriz, na corporalidade travesti, no fato de Jesus ser representada por uma mulher trans, contrariando a premissa cristã de que Jesus é o filho homem de Deus.

Agamben prossegue fazendo uma distinção entre secularização e profanação, afirmando que a primeira se limita apenas a mudar uma coisa para a outra (a monarquia celeste para terrena), mas mantém intacto o poder, já a segunda neutraliza aquilo que profana, tornando útil o que estava separado (AGAMBEN, 2007). Segundo o teórico Talal Asad (2010), a sociedade moderna é marcada pela secularização. O que significa o rompimento do estado com a igreja e a não intervenção da igreja nas decisões políticas e jurídicas; no Brasil mais conhecido como laicidade e/ou estado laico.

A separação Estado-Igreja e a moderna secularização do Estado propiciaram a efetivação de profundas mudanças no campo religioso. Instaurada pelos Estados liberais – cujo ideário político preconiza a neutralidade religiosa do Estado e a restrição da religião à vida privada ou à particularidade das consciências individuais –, a separação desmantelou o monopólio religioso, erodindo ao menos parcialmente as prerrogativas que a religião oficial usufruía de sua aliança política com o Estado, e resultou na garantia legal de liberdade religiosa, na defesa da tolerância religiosa e na proteção do pluralismo religioso. Com sua secularização, o Estado, portanto, passou a garantir legalmente a liberdade dos indivíduos para escolherem voluntariamente que fé professar e o livre exercício dos grupos religiosos. (MARIANO, 2003, p. 112).

Embora na constituição federal brasileira de 1988 esteja presente a liberdade de crença (Art 5º, inciso VI), característica de um estado laico, temos na virada do século XXI um crescimento significativo da atuação de grupos religiosos, especialmente coletivos evangélicos, na política do país (MACHADO, 2012). A chamada bancada evangélica tem atuado de forma conservadora e incisiva, gerando grande embate com movimentos identitários, em especial as pautas feministas e da comunidade

¹² Abreviação de “Evangelho segundo Jesus, rainha do céu”.

LGBTQIA+, interferindo em políticas como “a descriminalização do aborto; a união civil entre pessoas do mesmo sexo; a adoção de crianças por casais homoafetivas; a criminalização da homofobia; a inclusão das cirurgias de readequação sexual entre os serviços do SUS; etc.” (MACHADO, 2012, p.33).

Nota-se com essas interferências religiosas na política, que o estado brasileiro não se posiciona efetivamente como laico. A partir dos conceitos de Agamben (2007) pode-se entender que a secularização do estado não tira o poder que a religião tem, pois não desativa os dispositivos de poder que ela exerce. Um exemplo disto são as interdições que os trabalhos “Desenhando com terços” e “Rainha do céu” sofreram através da mobilização de políticos e religiosos. Por esta razão ao falar dessas performances é inevitável não falar de política, uma vez que a atuação política dos deputados no *impeachment* em 2016 foi um dos gatilhos para a criação do trabalho “O Culto”, além da relação política e religião crescente no Brasil, fazendo com que políticos conservadores atuem juntamente com religiosos, inclusive para a interdição das outras duas performances.

A etapa atual da pesquisa caminha para o desenvolvimento dos capítulos sobre as performances “O Culto” e “Rainha do céu”. Em “O Culto” desenvolvo a introdução da minha trajetória artística e o que me levou a realização da performance. Desenvolvo os conceitos de feminismo a partir da discussão sobre feminismo decolonial desenvolvida por Maria Lugones (2014), que inclui a luta das mulheres negras, indígenas, entre outras (que não estão na categoria de mulheres brancas), pelo viés da resistência as colonialidades (domínio dos países desenvolvidos sobre suas antigas colônias, através da imposição cultural, econômica e política). Também aciono a autora Stela Fischer (2017) que discute o feminismo decolonial em relação com performances como forma de resistência ao discurso hegemônico.

Partindo destes conceitos descrevo o processo de criação da performance “O Culto”, faço a análise e interpretação das passagens lidas estabelecendo relações e analogias com acontecimentos políticos e religiosos atuais.

Em “Rainha do céu” analiso quatro cenas da peça (o sermão, a parábola do “Bom Samaritano”, o livramento do apedrejamento da mulher adúltera e a cena em que Jesus fala da perseguição e do “Calvário”), estabelecendo relação com acontecimentos que envolveram a peça (interdição, transfobia...), o cenário político religioso brasileiro, o cotidiano das pessoas trans (preconceito, exclusão, assassinatos...) e o principal mandamento de Jesus levantado no espetáculo “amar ao próximo”. Fundamento as

questões da transgeneridade, através da autora trans Dodi Leal (2018), que traz em sua tese a opressão do “CIStema” sobre as pessoas trans, afirmando o fazer artístico e teatral das pessoas trans, entendendo a arte como lugar de resistência e desobediência a cisnormatividade. A autora afirma:

Ao contrário do que perspectivas conservadoras afligem com recorrência, agir contra uma ordem estabelecida não é sinônimo de barbárie. Pelo contrário, desobedecer pode ser muitas vezes um ato civil de grande importância. Não há cabimento aferir que os mecanismos de resistência às opressões sociais ao buscarem oportunidades de transformação a partir de atos discursivos e expressivos indisciplinados, tenham o caos como objetivo ou como sabor. Pelo contrário, arquitetar narrativas desobedientes e cometer performances insurgentes são marcos fundamentais no sentido de redimensionar estruturas sociais que se sustentam na desigualdade. Ora, a insurreição de gênero, neste sentido, nada mais é do que uma poética que desnuda mecanismos disciplinares da cisnormatividade na construção social e subjetiva do corpo e do pertencimento psicossocial. (LEAL, 2018, p. 159).

Nas duas performances me deparei com a interpretação de textos bíblicos, o que exigiu um aprofundamento sobre os conceitos de teologia e hermenêutica, que não estava previsto na pesquisa, mas que se revelou importante para a análise dos trabalhos. Na performance “O Culto”, as interpretações questionadoras sobre as passagens bíblicas sobre a mulher trouxe as questões da teologia feminista, que tem sido desenvolvida pela teóloga brasileira Ivone Gebara, que afirma que o feminismo foi fundamental para que as mulheres percebessem a relação de como a opressão contra as mulheres eram pautadas na representação masculina de Deus, como um “justificador celeste” (Gebara, 2007). Sobre o surgimento da teologia feminista Ivone Gebara afirma:

As mulheres do século XX aliaram-se a outras mulheres do passado que individualmente ou em pequenos grupos ousaram desafiar os poderes masculinos ao preço de muito sofrimento e perseguição. [...] Nasceu o que se chamou de hermenêutica feminista da Bíblia, ou seja, uma leitura e interpretação dos textos partindo das mulheres, interpretação que leva em conta não apenas nossos contextos, mas as perguntas atuais que nos habitam. Com elas, o texto bíblico deixa de ser um absoluto revelado por Deus, mas a expressão de um modo de ser cultural, escrito, interpretado, situado e datado, que apesar de seus limites pode ainda inspirar comportamentos e reafirmar tradições libertárias. (GEBARA, 2007, p.11 e 13).

A peça “Rainha do céu” traz o acolhimento de Jesus em relação a todas as pessoas nos evangelhos, sem distinção, o que levanta a questão da teologia inclusiva e/ou *queer*, que usa os textos dos evangelhos, as falas de Jesus sobre amar ao próximo para argumentar a inclusão da comunidade LGBTQIA+ nas igrejas cristãs e que Cristo não faz distinção de pessoas. A teologia inclusiva se contrapõe à teologia conservadora e fundamentalista, que pautam seus argumentos contra os LGBTQIA+ em textos que

falam contra os sodomitas e efeminados, chamados pelas teologias inclusivas de “textos de terror¹³” (MUSSKOPF, 2008), desconsiderando o período histórico e as modificações que as passagens podem ter sofrido pelas traduções, fazendo uma interpretação literal dessas passagens, usando-as para justificar preconceitos, opressão e violência contra a comunidade LGBTQIA+. Para aprofundar este conceito de teologia *queer* estou pesquisando o teólogo brasileiro André Musskopf (2008).

A pesquisa, ainda em desenvolvimento, caminha para mostrar o quanto as performances analisadas, realizadas pelas artistas (mulheres cis e trans), atuam como uma arte de resistência, por possibilitar ações que questionam a religião, o machismo, a transfobia, o patriarcado, entre outras. Tendo como objetivo desobedecer às normas, profanar objetos, textos, corpos etc. Essas ações combatem o discurso dominante patriarcal e toda a opressão que ele exerce sobre as minorias.

REFERÊNCIAS CITADAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 19, p. 263-284, 2010.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo, 1995.

BRETON, David Le. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. 3º Ed. Campinas: Papirus, 2003.

CARLSON, Marvin. **Performance: Uma introdução crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

GEBARA, Ivone. **O que é teologia feminista**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LEAL, Dodi Tavares Borges. **Performatividade Transgênera: Equações Poéticas de Reconhecimento Recíproco na Recepção Teatral**. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.

FISCHER, Stela Regina. **Mulheres, Performance e Ativismo: a ressignificação dos discursos feministas na cena latino-americana**. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - Escola de Comunicação e Artes / Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

¹³ Gn 19:1-25; Lv 18:22 e 20:13; 1 Co 6:9; 1 Tm1:10 e Rm 1:26-27.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião, Cultura e Política. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 32(2): 29-56. 2012.

MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: Católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre v. 11, n.2, p. 238-258, maio-ago. 2011.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Via(da)gens teológicas**: itinerários para uma teologia *queer* no Brasil. Tese (doutorado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia São Leopoldo, 2008.

OLIVEIRA, Paola Lins de. "**Desenhando com Terços**" no Espaço Público: sacralizações na religião e na arte a partir de uma controvérsia. 2009. 165p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SIQUEIRA, Elton Bruno Soares De et al.. O evangelho segundo Jesus, rainha do céu: uma recepção ruidosa. **Anais IV DESFAZENDO GÊNERO...** Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em:
<<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/64174>>. Acessado em: 30/09/2020 as 14:00.